

01-06-72

## INSPETORIA SÃO JOAO BOSCO

MINAS — BRASIL

Abre Campos - Minas Gerais

\* 17 / 8 / 1924



Belo Horizonte

† 01 / 06 / 1972

*Padre José Maurício Tomás*

Mais uma vez, cabe-me a dolorosa incumbência de escrever a carta mortuária de um de nossos irmãos sacerdotes. Desta vez mais sentidamente, porque Deus me deu a invejável ventura de ser um daqueles com quem cooperei a fim de poder realizar seu desideratum.

Eram seus pais: Afonso Maurício Tomás e Ana Batista Maurício. Eram agricultores, bons cristãos e muito religiosos. Tiveram três filhos: Afonso Maurício Filho (único superstite), Idalina do Rosário Maurício e o caçula José Maurício Tomás.

Sua professora, D.<sup>a</sup> Alice Nacif, que tinha um filho em nosso Ginásio Dom Helvécio, do qual era eu o diretor, disse-me: «Tenho um aluno que termina o 4.<sup>o</sup> ano, órfão de pai, muito bom e que deseja ser sacerdote, mas é pobre e não pode pagar a anuidade do Seminário. Eu lhe disse: «Pode arranjar o enxoval dele e mande-o para cá». Já tinha eu alguns que tinham este ideal, com uma pensão reduzida. Lá ficou um ano em observação, até que, vendo eu nele uma vocação firme, o mandei para nosso Seminário, que então estava em Lorena, S.P. Lá terminou a 3.<sup>a</sup> série ginasial; fez a 4.<sup>a</sup> em Lavrinhas e ingressou no Noviciado, em Pindamonhangaba, em 1946. Aí fez o 1.<sup>o</sup> trienal.

Fez dois anos de Filosofia em Lorena e mais um em São João del-Rei, no Colégio S. João. Em 1949, foi mandado à Escola Padre Sacramento, em São João. Terminado o tirocínio, que era de 3 anos, fez os votos perpétuos, em 1956. No seu **curriculum vitae**, não teve nem um voto negativo, o que muito o abona. Por ocasião de sua primeira missa cantada, a cidade fez-lhe uma grande festa, na qual tive a honra de pregar, pois era o primeiro padre salesiano, filho de Abre Campo.

Fora destinado para a nossa incipiente obra: «Instituto Salesiano de Educação e Assistência», como vice-pároco, num dos grandes bairros populares do Rio de Janeiro, Rocha Miranda. Foi o lugar em que a Divina Providência o colocou; era o «The right man in the right place», isto é, «o Homem certo no lugar certo», como dizem os ingleses.



Cedo aqui a palavra ao seu diretor por nove anos, Pe. Cleto Caliman, já tendo encontrado lá o Pe. Maurício, que lá esteve dez anos. O que caracterizou a vida de Pe. Maurício foi: o desapego de si mesmo e a doação de sua pessoa aos outros. Incansável, nunca estava parado. Posso afirmar, Pe. Maurício construiu a Comunidade de Rocha Miranda. Se ela hoje é uma Comunidade Viva e Atuante, deve-se aos dez anos de trabalhos, sem esmorecimento, do Pe. José».

De 1958 a 1968, o Pe. José Maurício redimiu, com seu trabalho e sua dedicação sem limites, um Bairro de 15 mil habitantes. É inútil dizer que sua principal preocupação foi sempre os meninos. Recordamos os 22 times de futebol que ele dirigia, animava e formava. Era o Padre dos humildes. Sempre sorridente, resolvia os problemas mais intrincados com aquela proverbial mansidão e gesto mineiro. As vezes intransigente, especialmente em questão de modas impróprias, não perdoava o erro.

Não se acovardava diante daquilo que não estava certo. Era taxativo: poucas e boas, deixando o freguês ou freguesa com cara de pau. Convivi nove anos com o Pe. José; por incrível que pareça, nunca altercamos ou tivemos qualquer diferença em nossas relações fraternais. Harmonia e compreensão, fizeram que os dois salesianos pautassem uma vida de trabalho, de sacrifícios, de dedicação, cujos feitos aí estão: uma obra verdadeiramente salesiana, como a acharam tantos Superiores de Turim, que nos visitaram.

Padre José era humilde,, humilde, humilde. Obediente, obediente, obediente. «Vir humilis et obediens». Nunca exigiu nada, nunca pediu nada, nunca reclamou da comida, da habitação ou do vestuário. Neste ponto era extraordinário.

Sofreu calúnias. Nunca se queixou publicamente, sempre guardou dentro de si a incompreensão de alguns. Era incapaz de zangar-se, vingar-se, murmurar até de quem quer que seja. Nunca ouvi sair de sua boca uma palavra menos delicada. Quando a obediência o destinou a Ponte Nova, a sua saída foi um triunfo, como atestam as fotografias. Rocha Miranda em peso se movimentou no bota-fora do Pe. José; torno a repetir, sua característica era a humildade.

E «a humildade com a obediência removem montanhas». Não era só nos bastidores que o Pe. Maurício era considerado, também na Assembléia, por meio do Deputado Pedro Fernandes, que o exaltou, com um elogio fúnebre na Câmara. Eis suas palavras. «Sr. Presidente. Srs. Deputados, ocupo hoje a tribuna desta Casa para comunicar, com profundo pesar, o falecimento do Pe. José Maurício. O Pe. José. Foi ele, juntamente com o Pe. Cleto, o Dr. Orlando Gonçalves e outros abnegados, que ergueram aquela monumental construção que é a Igreja Santa Bárbara. O Pe. Maurício, também junto com seus companheiros, especialmente o Dr. Orlando, construíram um dos melhores ginásios do subúrbio da zona norte, que funciona ao lado da Igreja Santa Bárbara, que apesar de novo já abriga 600 alunos. Foi também construída uma praça de esportes com tudo o que há de mais moderno. Tudo isso se deve, sem dúvida, aos esforços também desse incansável Pe. Maurício, que dedicou toda sua vida à Comunidade e aos pobres. Sua grande meta era contribuir para amenizar os problemas sociais que afligem as camadas mais pobres.

Eu que privei da amizade do Padre José Maurício, eu que acompanhei sua luta diária, em prol do interesse daquela comunidade, posso, Sr. Presidente e Srs. Deputados, posso falar com segurança e tranquilidade do quilate daquele homem, do valor de sua dedicação em prol do interesse comum. Rocha Miranda, Sr. Presidente, perdeu, sem dúvida, uma de suas maiores expressões e o clero e as obras salesianas uma de suas vigas mestras.

Tentamos adiar o enterro, mas, não foi possível. Quero oportunamente apresentar um Projeto de Lei, dando a um logradouro público o nome de «Padre José Maurício».



cio». É uma homenagem que podemos fazer, porque o Pe. Maurício merece, pelos relevantes serviços prestados ao povo e em particular à Rocha Miranda. Obrigado, Sr. Presidente».

Em Ponte Nova, para onde foi destinado como professor e auxiliar do povo, ia aos domingos ao Bairro de Fátima, outrora Sapé, atendia à Usina Ana Florença, a uns quilômetros de Palmeiras. Sempre demonstrou sua predileção pelos pobres.

Aqui em Belo Horizonte, para onde veio em 1970, seu campo era mais vasto. Era capelão do Cemitério «Parque da Colina», subordinado ao Bairro Nova Cintra, do qual era ele encarregado, também de Vista Alegre, nos quais se dedicava de alma e corpo. Pôs mãos às obras na construção da Igreja de Nova Cintra e conseguiu, com pedidos às empresas, armação de ferro com a Belgo Mineira, cimento com a fábrica Itaú. Ganhava tijolos, basculantes, etc., conseguindo asfaltamento das ruas, aterros. Lá está a Igreja, faltando apenas o acabamento. Desenvolvia uma atividade múltipla. Distribuiu centenas de cobertores para os pobres, arranjava colocação para os desempregados. Amigo das emissoras, sobretudo da Guarani, Itacolomi. Pedíamos uma notícia sobre o Colégio e ele logo arranjava. Era Coordenador Arquidiocesano na Campanha de Alfabetização de Adultos, pelo método S.D.B.

Indo no dia 30 de maio à Prefeitura para conseguir algum melhoramento para os bairros, na Av. Amazonas, foi atropelado por um caminhão, desgovernou-se a vespa e chocou-se com um volks que esperava abrir o sinal, caindo com a cabeça no asfalto, fraturou o crânio. Foi levado ao Pronto Socorro. Avisado o Colégio, o Pe. Duarte foi imediatamente para lá; coincidência! o médico de plantão era o filho de sua professora, que me tinha pedido o lugar para ele, em ponte Nova, era o Dr. João Bosco Nacif Silva. Quis o Pe. Diretor trazê-lo para o Hospital, mas disseram os médicos que morreria no caminho. Lá ficou, em estado de coma, até a manhã do dia 1.º, dia do Corpo de Deus, quando faleceu. Foi trazido para o Colégio, ficando até às 15 horas, quando foi celebrada a missa de corpo presente por 15 sacerdotes. Ao fim da missa tivemos a presença de D. João e D. Serafim, falando Dom João do pesar dele, de D. Serafim e de todo o clero. Como iam à Procissão, não puderam acompanhar o enterro. Após a missa, o corpo foi levado para o Parque da Colina, passando, antes pela Igreja de Nova Cintra, que ia ser benta no dia 11. Da Igreja o povo quis levá-lo à mão até o Parque da Colina, onde todos quiseram vê-lo; era uma verdadeira multidão, calculada em 8 mil pessoas. Saudou-o o seu colega, Pe. Tiago de Almeida. A missa de 7.º dia foi celebrada por D. Serafim, com 6 sacerdotes. Disse umas palavras de encômio ao humilde sacerdote, cujo zelo levava ali aquela multidão.

No dia 11, quando deveria ser benta a Igreja, Dom João celebrou a Santa Missa, com 8 sacerdotes, dizendo ao povo que aquela homenagem simbolizava a dedicação do Pe. Maurício para com o povo de Nova Cintra e Vista Alegre.

Meus caros irmãos, como nos impressiona bem, nestes tempos calamitosos de deserção de tantos colegas nossos no sacerdócio, ver esta apoteose, como uma afirmação do valor do sacerdote fiel à sua missão.

Peçamos a Deus que o Pe. Maurício, lá do Céu, nos auxilie a arrebanhar muitos jovens para engrossar as fileiras da gloriosa milícia de Cristo.

Uma prece para este seu octogenário irmão, que já terminou sua carreira e espera da infinita misericórdia de Deus, um lugarzinho na Sua Glória.

Belo Horizonte, 15 de junho de 1972.

Pe. ALCIDES LANNA COTTA.